

Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus: Algumas Reflexões

*Adilsom Sergio Benedetti

*"Quem toma as causas dos perdidos, perdido está!"
D. Paulo Evaristo Arns*

Jesus caminha da Galiléia para Jerusalém. Para Lucas, esse caminho é muito longo, pois o evangelista dedica dez capítulos (Lc 9-51 - 19,27) ¹ sobre o assunto, quase a metade do seu Evangelho. Esse caminho é o caminho de Jesus rumo à libertação. Em Jerusalém, Ele dará sua vida, bem como, em Jerusalém nascerá a Igreja (Cf. Atos dos Apóstolos), sob o impulso do Espírito Santo que esteve Nele (Cf. Lc 4,18).

O caminho de libertação de Jesus requer a colaboração dos discípulos. Ao percorrerem a viagem para Jerusalém com Jesus, os discípulos vão definindo sua posição a favor ou contra esse processo de libertação, isto é, sua adesão ou rejeição ao projeto de Jesus: *o estabelecimento do Reino de Deus*. Este projeto libertador Dele tem profundas conseqüências para aqueles que o seguem: ou sofrem junto com Ele, ou fazem parte do grupo que quer Sua morte, destruindo e dispersando Seu movimento popular de libertação.

Muitos foram os movimentos populares em Israel, ao longo dos anos 6 a.C. a 135 d.C.; Jorge Pixley comenta: *"devemos entender os muitos conflitos havidos como expressões de um único movimento popular que não conseguiu articular-se atrás de uma "vanguarda" senão nos últimos anos, quando Simão Bar-Kosba o dirigiu até sua destruição pela força das armas romanas. Tomamos como expressões deste movimento: Judas, o Galileu, Jesus, o Nazareno com João (o Batista) seu precursor e seus seguidores, Teudas, os sicários da década de 50, as várias facções revolucionárias durante a primeira guerra com Roma (66-74 d.C.) e a rebelião que Simão dirigiu e desembocou na Segunda e última guerra com Roma (132-135 d.C.)."* ² Portanto, Jesus de Nazaré, está inserido dentro do contexto dos movimentos populares da Palestina do Século I, embora *"os quatro evangelhos ressaltarem sua importância, não como líder popular, mas como fundador de um novo caminho rumo a Deus e à salvação aberta para todos, judeus e gentios. Apesar desta tendência de nossas fontes de informação (Evangelhos), parece-nos possível interpretar sua atuação na Galiléia e posteriormente na Judéia como outra expressão do movimento popular que tanto agitou o panorama palestino naqueles anos."* ³

1 - Jesus de Nazaré, um profeta popular:

* Sociólogo e Cientista Religioso (PUC-Campinas) Mestrando em Políticas Sociais (UNICSUL), Professor de Disciplinas Bíblicas no Centro Catequético "Dom Gabriel Paulino Couto" – Diocese de Jundiaí/SP (Núcleos de Itu e Salto).

¹ Segundo Jacques Duquesne, os evangelistas divergem sobre as passagens de Jesus por Jerusalém: "Mateus, Marcos e Lucas passam a sensação de que foi lá apenas uma vez, para morrer. João, por sua vez, fala em cinco estadas em Jerusalém" (Cf. Jacques Duquesne, Jesus; a verdadeira história. São Paulo, Semente, 2005.)

² Cf. Pixley, Jorge. *A História de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis, Vozes, 1991, p.127.

³ Cf. Pixley, Jorge. *A História de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis, Vozes, 1991, p.128.

Jesus de Nazaré iniciou sua caminhada e pregação⁴ a partir das aldeias da Galiléia (30 d.C.) rumo a Jerusalém, a cidade centro do poder político/religioso judaico. Em sua pregação, traz uma proposta diferente: a **boa nova**, o anúncio da aproximação do **Reino de Deus** (= **Kerigma**):

- "Quando prenderam João, Jesus se dirigiu à Galiléia para proclamar a boa notícia de Deus. Dizia:

- Cumpriu-se o prazo e está próximo o reinado de Deus: arrependei-vos e crede na boa notícia." (Mc 1, 14-15)

O "reinado de Deus", denota a consequência de um novo advento, de uma sociedade digna para as pessoas, principalmente aos mais necessitados. *"Insinuam-se, assim, os dois aspectos da nova realidade: a mudança pessoal (aspecto individual) e a mudança das relações humanas (aspecto social). Isto significa que não haverá nova sociedade se não existir homem novo. Deus renova e fortalece o homem, comunicando-lhe a sua própria vida (o Espírito); dotado desta vida, é tarefa e responsabilidade do homem criar uma sociedade verdadeiramente humana (o reino de Deus).*"⁵

João Batista era reconhecido pelo povo simples, como mestre e profeta de Deus:

- "Então, o que saístes para ver? Um profeta? Eu vos digo que sim, e mais que um profeta." (Mt 11, 9)

- "Herodes queria matá-lo, porém temia o povo, que considerava João como profeta." (Mt 14, 5)

- "O batismo de João, de onde procedia: de Deus ou dos profetas?

Eles discutiam a questão: Se dizemos de Deus, ele nos perguntará por que não cremos nele; se dizemos dos homens, o povo nos assusta, pois todos têm João como profeta".(Mt 21, 25-26)

Segundo os Evangelhos, Jesus também é reconhecido pelo povo como rabi⁶ e profeta:

- "Perguntaram ao cego de novo:

- Visto que te abriu os olhos, o que dizes dele?

Respondeu:

- É profeta." (Jo 9, 17)

- "(...)Tentaram prendê-lo, mas tiveram medo da multidão, que o tinha como profeta."(Mt 21, 46)

- "Outros porém diziam que era Elias, e outros que era um profeta como os clássicos."(Mc 6, 15)

- "Um grande profeta surgiu entre nós; Deus se preocupou com seu povo." (Lc 07, 15)

Portanto, João Batista e Jesus de Nazaré, eram líderes populares tão aguerridos em suas práticas e ensinamentos, que as autoridades e o povo os confundiam, como sendo uma só pessoa:⁷

- "O rei Herodes ficou sabendo, porque a fama de Jesus se difundia, e pensava que João Batista houvesse ressuscitado da morte e por isso atuava nele o poder milagroso."(Mc 6, 14-15)

- "Quem dizem os homens que é este homem?

Responderam:

⁴ **Caminhada e pregação:** Gosto muito do exemplo de Justino Martínez Pérez: "O Evangelho se compreende com os pés. Esta afirmação pode parecer desconcertante. Mas Jesus não convida para ouvir uma palestra, mas para sermos "seguidores(as) Dele", porque Ele sempre se encontra a caminho do Pai ou dos irmãos. Ele que é o Caminho (Jo 14,6) se faz parceiro dos crucificados da história, dos provados na esperança (Lc 24, 13-35) e por isso pode revelar o sentido das Escrituras ao mesmo tempo que faz arder o coração quando as explica." (Cf. Pérez, J. M., *Minha fonte de vida e esperança na periferia da cidade*. Salvador. CEBI - Mímeo, 2000, p. 4.)

⁵ Cf. Mateos, J. e Camacho, F., *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo, Paulus, 1992, p.56.

⁶ **Rabi:** também se utiliza a palavra rabino. Etimologicamente é um título honorífico, que na prática, significava mestre. João Batista e com maior frequência Jesus o receberam. Este título pode ser traduzido por *didaskalos* ou *epistates* (= Grego).

⁷ Cf. Mesters, Carlos. "Os profetas João e Jesus e os outros líderes populares daquela época". in RIBLA, 1(1988), pp. 72-80.

- *Uns dizem que é João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias ou algum outro profeta.*"(Mt 16,14)

Embora Jesus e João Batista possuíssem diferenças em suas atuações, eram profundamente respeitados, pois na mesma linha profética de Israel, resgatavam a dignidade e as esperanças messiânicas do povo: ⁸

- *"Na prisão, João ouviu falar da atividade de Jesus e lhe enviou esta mensagem por meio de seus discípulos:*

- *És tu aquele que devia vir, ou devemos esperar outro?*

Jesus respondeu:

- *Ide informar a João sobre o que ouvís e vedes: Cegos recobram a visão, coxos caminham, leprosos são purificados, surdos ouvem, mortos ressuscitam, pobres recebem a boa notícia; e feliz aquele que não tropeça por minha causa."* (Mt 11, 2-6)

Ao assumir a linha profética de Israel, Jesus toma dois caminhos: o de semelhança com seus antecessores (Amós, Jeremias, Isaías, Miquéias, etc...) e o da diferença com os profetas do Antigo Testamento. Para entendermos melhor esses dois caminhos, valem reportarmos ao esquema de José Luís Sicre:

• ***Semelhanças de Jesus com os profetas do Antigo Testamento:***

- Demonstra sua sensibilidade para com o tema da justiça social e constata as desigualdades (Lc 16, 19-31). Entretanto, Jesus é mais duro do que os profetas em sua condenação aos que praticam a injustiça social: segundo Jesus, não é preciso roubar, perjurar, matar, para sofrer o castigo. Basta ser insensível à desgraça alheia;
- Põe-se do lado dos fracos, como demonstra os textos dos Evangelhos, principalmente o do julgamento final (Mt 25, 31-46): famintos, sedentos, nus, encarcerados, enfermos. A idéia de que Deus escolhe os pequenos continua viva em Jesus, que escolhe o que é pobre e humilde. O compromisso de Jesus com o mundo dos pobres é mais claro do que nos profetas;
- Condenação da riqueza (= *mamom* o deus dinheiro) como grande rival de Deus (Mt 6,24), que sufoca a mensagem do Evangelho (Mt 13,22);
- Condena os governantes do povo, que cobram vultosas quantias em tributos (os romanos e os sacerdotes do templo).

• ***Diferenças de Jesus com os profetas do Antigo Testamento:***

- Para Jesus os bens deste mundo só têm sentido quando se colocam a serviço dos demais, em todo ou em parte, por isso "bem-aventurado são os pobres";
- Jesus não fala do Reino dos Céus como futuro (após a morte), para ele o Reino de Deus, começa já nesta terra, é realidade, que vai crescendo e com o qual devemos colaborar; ⁹
- Jesus denuncia as injustiças sociais, mas também é amável e mostra o caminho da conversão do coração, como no caso de Zaqueu (Lc 19, 1-10);
- Jesus não converteu a questão moral no único absoluto. Os profetas falavam de outros temas sociais, mas com um "toque moral". Para Jesus, o fenômeno da opressão manifesta-se em terrenos muito diversos: político, social, econômico e, sobretudo no campo religioso. ¹⁰

A luta de Jesus contra a opressão religiosa, isto é, o ***sistema de pureza*** imposto ao povo pelos sacerdotes e fariseus e, a falsa piedade destes, bem como as denúncias aos ricos e aos romanos, custou a sua vida.

⁸ Cf. Bruteau, Beatrice (org). *Jesus segundo o judaísmo: rabinos e estudiosos dialogam em nova perspectiva a respeito de um antigo irmão*. São Paulo, Paulus, 2003.

⁹ Cf. Hosley, R. A. e Silberman, N. A., *A mensagem e o Reino*. São Paulo, Loyola, 2000.

¹⁰ Cf. Sicre, José Luís. *A Justiça social nos profetas*. São Paulo, Paulinas, 1990, pp. 618-626.

A experiência demonstra que comprometer-se com a libertação religiosa e política do povo, isto é, com a tradição profética, leva ao mesmo fim que tiveram os profetas do Antigo Testamento, o próprio Jesus e, conseqüentemente seus discípulos e os apóstolos: ao **martírio** (morte antes do tempo).

Benedito Ferraro reflete sobre o evento do martírio de Jesus remetendo-nos a compreender também o martírio dos líderes populares em nossos dias: *"a tomada de consciência por parte de Jesus de sua perseguição na linha da tradição do martírio dos profetas, compreendendo sua morte a partir dos acontecimentos do contexto sócio-histórico da Palestina do I século, nos remete a uma excelente aproximação da morte de Jesus da morte de nossos mártires e da morte de nossos mártires com a morte de Jesus. Os anúncios da paixão poderá se inscrever dentro deste quadro."*¹¹

2 - Jesus vítima dos poderosos, por sua coerência ao anúncio do Reino de Deus:

Com a morte de João Batista, Jesus assumiu a mensagem profética deste, bem como seu destino e de qualquer outro líder popular, que se confronta com o poder estabelecido: **a morte antes do tempo** (assassinato).

Os mártires (de ontem e de hoje) não buscam a morte, são eliminados, por estarem defendendo a vida. Com Jesus não foi diferente: *"o que Jesus quis não foi à morte, mas a pregação e irrupção do Reino, a libertação que este significava para os homens, a conversão e a aceitação do Pai de infinita bondade. Em função desta mensagem e da práxis que ela implica, estaria disposto a sacrificar tudo, inclusive sua própria vida. Se a verdade que ele prega, testemunha e vive, lhe exige a morte, a aceitará. Não porque a busque em si mesma, mas porque é conseqüência de uma lealdade e fidelidade que é mais forte do que a morte. Morrer assim é digno. Semelhante morte foi e é vivida, por todos os profetas-mártires, ontem e hoje."*¹² E Benedito Ferraro completa: *"Neste sentido, a morte de Jesus não era necessária, mas inevitável."*¹³

A prática de Jesus causa grande espanto e escândalo entre os judeus, pois este se revela ao povo como **autoridade e libertação**. Esta diferença da prática de Jesus causa grande instabilidade nas instituições judaicas e em suas relações "cordiais" com os dominadores romanos, sendo que para preservar seus privilégios, vão elaborando uma trama de situações e ameaças para colocar fim na vida Dele, como relatam os Evangelhos.

Os líderes populares ao assumirem a causa profética, **denunciando** as estruturas injustas e **anunciando** uma alternativa de justiça social, passam pelas mesmas etapas de sofrimento que Jesus passou, dessa forma, podemos entender a frase de D. Pedro Casaldáliga, reinterpretada por Benedito Ferraro: **"Caminhada de Jesus, caminhada dos mártires. Caminhada dos mártires, caminhada de Jesus"**.¹⁴

As lideranças populares ao promoverem a **vida** transformam-se em **"vítima sacrificial"**, dentro de um modelo político, econômico, social e ideológico que gera a **morte** e a opressão, isto é, a situação de "anti-reino de Deus".¹⁵

As etapas da perseguição aos líderes populares são as mesmas que Jesus enfrentou:

¹¹ Cf. Ferraro, Benedito. *Cristologia: como compreender a vida, a prática, a morte e a ressurreição de Jesus, o Cristo, Senhor, Salvador, Libertador*. Campinas/SP, PUC-Campinas-mímeo, 2001, p.47.

¹² Cf. Boff, Leonardo. *Paixão de Cristo, paixão do mundo*. Petrópolis, Vozes, 1977, p.66.

¹³ Cf. Ferraro, Benedito. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*. São Paulo, Paulinas, 1993, p. 43.

¹⁴ Cf. Ferraro, Benedito. Op. Cit., p. 62.

¹⁵ O esquema que seguiremos é o que se encontra no livro do Cristólogo, Benedito Ferraro. (Cf. Ferraro, Benedito. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*. São Paulo, Paulinas, 1993, pp. 44 - 48.)

- **Ameaças de prisão:** O primeiro instrumento de intimidação que os poderes estabelecidos se valem para calar as lideranças populares são as ameaças de prisão ou de violência corporal:
 - *"Então os chefes dos judeus procuraram prender Jesus. Eles tinham entendido muito bem que Jesus havia contado essa parábola contra eles. Mas ficaram com medo da multidão e, por isso, deixaram Jesus e foram embora". (Mc 12, 12)*
 - *"Então tentaram prender Jesus. Mas ninguém pôs a mão em cima dele, porque a hora dele ainda não havia chegado". (Jo 7, 30)*
 - *"Os fariseus escutaram o que a multidão estava cochichando sobre Jesus. Então, os chefes dos sacerdotes e fariseus mandaram guardas para prenderem Jesus". (Jo 7, 32)*
 - *"Alguns queriam prendê-lo, mas ninguém pôs a mão em cima dele". (Jo 7, 14)*
 - *"Eles tentaram outra vez prender Jesus, mas ele escapou das mãos deles". (Jo 10, 39)*
- **Tentativas de assassinar Jesus:** Se diante das ameaças de prisão ou de violência corporal, as lideranças populares ainda não calarem suas denúncias, o passo seguinte dos poderosos é a tentativa de sua eliminação:
 - *"Logo depois, os fariseus saíram da sinagoga e, junto com alguns do partido de Herodes, faziam um plano para matar Jesus". (Mc 3,6)*
 - *"Os chefes e os doutores da Lei ouviram isso e começaram a procurar um modo de matá-lo. Mas tinham medo de Jesus, porque a multidão estava maravilhada com o ensinamento dele". (Mc 11,18)*
 - *"Quando ouviram essas palavras de Jesus, todos na sinagoga ficaram furiosos. Levantaram-se e expulsaram Jesus da cidade. E o levaram até o alto do monte, sobre o qual a cidade estava construída, com intenção de lançá-lo no precipício. Mas Jesus, passando pelo meio deles, continuou o seu caminho". (Lc 4, 28-30)*
 - *"Por isso, as autoridades dos judeus, tinham mais vontade ainda de matar Jesus, porque, além de violar a lei do Sábado, chegava a dizer que Deus era seu Pai, fazendo-se assim igual a Deus". (Jo 5, 18).*
 - *"Então eles pegaram pedras para atirar em Jesus. Mas Jesus se escondeu e saiu do templo". (Jo 8, 59)*
 - *"As autoridades dos Judeus pegaram pedras outra vez para apedrejar Jesus". (Jo 10, 31)*
- **Planos para assassinar Jesus:** Para levar a cabo, o assassinato das lideranças populares, os poderosos se reúnem e traçam planos, para que o líder seja morto e seus assassinos não sejam culpabilizados:
 - *"Quando terminou este discurso, Jesus disse a seus discípulos:*
 - *Sabeis que dentro de dois dias se celebra a Páscoa e este Homem será entregue para ser crucificado.*
 - *Então se reuniram os sumos sacerdotes e senadores do povo na casa do sumo sacerdote Caifás, e se puseram de acordo para, com um estratagema, apoderar-se de Jesus e matá-lo. Mas acrescentaram que não devia ser durante as festas, para que o povo não se amotinasse."(Mt 26, 1-5)*
 - *"Faltavam dois dias para a festa da Páscoa e para a festa dos Ázimos. Os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei procuravam um modo esperto de prender Jesus e depois matá-lo". (Mc 14, 1-2)*

Sabemos que os textos dos Evangelhos são produtos das comunidades (discípulos e discípulas), que sofreram grande influência das linhas teológicas de seus redatores, bem como a herança de perseguição sofrida aos primeiros cristãos (pelos judeus e romanos).¹⁶ Entretanto, os textos trazem em seu contexto histórico, Jesus possuindo uma profunda consciência de que sua prática o levaria a morte, e que seus discípulos(as) não escapariam da mesma sina dos que lutam pela justiça:

¹⁶ Cf. Meeks, W. A., *Os primeiros cristãos urbanos*. São Paulo, Paulus, 1992.

"Vede, eu vos envio como ovelhas entre lobos: sede prudentes como serpentes, cândidos como pombas. Cuidado com as pessoas! Pois vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão em suas sinagogas. Eles vos farão comparecer diante de governadores e reis por minha causa, para que deis testemunho diante deles e dos pagãos. Quando vos entregarem, não vos preocupeis com o que ireis dizer; pois não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai falando por vós. Um irmão entregará à morte o seu irmão, um pai a seu filho; filhos se revoltarão contra pais e os matarão. Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Aquele, porém, que perseverar até o fim, este será salvo. Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. E se vos perseguirem nesta, tornai a fugir para uma terceira. Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel até que venha o Filho do Homem." (Mt 10, 16-23)

Franz Hinkelammert comenta: *"A denúncia da dominação no primeiro período cristão tem um claro simbolismo. A dominação - autoridade e estrutura de classe - é cruz, é crucificação dos dominados. Os apóstolos conhecem duas situações que se identificam com a crucificação: a crucificação da carne, que leva à ressurreição do corpo libertado; e a crucificação dos dominados através da estrutura de classe e da autoridade, que leva à ressurreição no dia de Deus, a nova terra. Em ambos os casos, trata-se de um homem velho, e na ressurreição aparece um homem novo como corpo libertado. No caso da carne o pecado crucifica; no caso da submissão à autoridade e à estrutura de classe, as "forças sobrenaturais do mal" crucificam (Ef 6,12). E estas forças crescem à sombra daquelas."*¹⁷

3 - Jesus em Jerusalém:

Como sabemos, Jesus partiu da região da Galiléia em direção à Jerusalém, segundo os Evangelhos Sinóticos, pois em João, Jesus entra e sai de Jerusalém várias vezes. Por onde passava, ensinava e fazia milagres: curando os doentes, perdendo os pecadores, ressuscitando mortos, multiplicando pães e peixes, ensinando que o Pai é amor e anunciando a boa nova do Reino de Deus.¹⁸ Muitas pessoas o seguiam e se admiravam com sua prática inclusiva, reconhecendo Nele o Messias anunciado pelos profetas. Portanto, sua chegada em Jerusalém era esperada pelo povo simples.

- **A entrada de Jesus em Jerusalém:** Jerusalém era a cidade prometida ao Messias, ao Rei de Israel (conforme as profecias). A subida de Jesus para Jerusalém possuía grande significação para o povo que acreditava no messianismo prometido no Antigo Testamento: o rei poderoso e vingador, que libertaria o povo dos opressores romanos, por isso Jesus é recebido com grande alegria:

- *"Quando se aproximavam de Betfagé e Betânia, junto ao monte das oliveiras, enviou dois discípulos, recomendando-lhes:*

- *Ide à aldeia que está à frente; ao entrar, encontrareis um jumentinho amarrado, no qual até agora ninguém montou. Desamarrai-o e trazei-o. Se alguém vos perguntar por que o desamarrais, dizei-lhe que o Senhor necessita dele.*

Os enviados foram e o encontraram como lhes havia dito. Enquanto o desamarravam, os donos lhes disseram:

- *Por que desamarrais o jumentinho?*

Responderam:

¹⁷ Cf. Hinkelammert, Franz. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo, Paulinas, 1983, p.208.

¹⁸ **Milagres:** Em latim: *miraculo = aquilo que se admira*. A missão que o Pai confiou a Jesus, tinha por fim a salvação da humanidade. Jesus em hebraico é *Ieshuá = Deus Salva*. Dessa forma, para fazer que sua mensagem fosse entendida, Jesus realizou ações que subentendessem a sua razão de ser. Para isso, realizou milagres e profecias, de tal modo que as suas obras e palavras o deram a conhecer como o Santo de Deus. É de notar o modo como Jesus realiza os milagres. Ele tem como fim a conversão das pessoas. Para isso, trata do aspecto espiritual e só depois do mal físico. Não raras vezes despede as pessoas com a frase "vai em paz, a tua fé te salvou". (Cf. Rodrigues, L. M. F., *Jesus, Filho de Deus*. Salvador, CEBI - Mímeo, 2001, pp. 3-4.)

- *Porque o Senhor precisa dele.*

Levaram-no a Jesus, puseram seus mantos sobre o jumentinho e o fizeram montar. Enquanto avançava, a multidão forrava o caminho com seus mantos. Quando se aproximavam da encosta do monte das Oliveiras, os discípulos em massa e alegres começaram a louvar a Deus em voz alta por todos os milagres que haviam presenciado. Diziam:

- *Bendito o que vem como rei em nome do Senhor. Paz no céu, glória ao Altíssimo!*

Alguns fariseus da multidão lhe disseram:

- *Mestre, repreende teus discípulos.*

Replicou:

- *Digo-vos que, se estes se calarem, as pedras gritarão." (Lc 19, 29-40)*

O sentido da libertação para o povo é importante para entendermos os acontecimentos da Paixão de Jesus.

• ***A última Ceia de Jesus com seus discípulos:***

Jesus sobe à Jerusalém, para comemorar a Páscoa judaica, isto é, a festa da recordação da libertação do povo hebreu da escravidão do Egito, por Moisés. Jesus sendo judeu queira celebrar a Páscoa com os seus discípulos (as), seguindo as determinações da Lei judaica. Pede então aos seus discípulos (as) que preparem a Ceia para celebrarem a festa juntos:

- *"No primeiro dia dos ázimos, quando se imolava a vítima pascal, os discípulos lhe dizem:*

- *Onde quereis que vamos preparar para ti a ceia da Páscoa?*

Ele enviou dois discípulos, encarregando-os:

- *Ide à cidade e vos sairá ao encontro um homem carregando um cântaro de água. Segui-o, e onde ele entrar, dizei ao dono da casa: o Mestre pergunta onde está a sala em que vai comer a ceia da Páscoa com seus discípulos. Ele vos mostrará um salão no piso superior, preparado com divãs. Preparai-a para nós nesse lugar.*

Os discípulos saíram, dirigiram-se à cidade, encontraram o que lhes havia dito, e prepararam a ceia da Páscoa." (Mc 14, 12-16)

Esta seria a última Ceia Dele com os seus discípulos, onde Ele instituiu a ***Eucaristia***, isto é, se deu aos seus discípulos como comida e bebida de vida e salvação (segundo o relato dos Evangelhos Sinóticos)¹⁹:

- *"Enquanto ceavam, tomou um pão, pronunciou a bênção, o partiu e o deu, dizendo:*

- *Tomai, isto é o meu corpo.*

E tomando a taça, pronunciou a ação de graças, deu-a, e todos beberam dela. Disse-lhes:

- *Este é o meu sangue da aliança que se derrama por todos. Eu vos asseguro que não voltarei a beber do produto da videira até o dia em que o beber de novo no reino de Deus." (Mc 14, 2-25)*

A Eucaristia é a nova Páscoa, a nova aliança, que explica a passagem do Cristo deste mundo para o Pai, depois de ter entregado o Seu próprio corpo e sangue pela redenção, salvação e libertação da humanidade. A celebração eucarística suscita esta memória pascal de Cristo, que se mostra permanentemente fiel ao Seu Pai. A realização da Páscoa judaica recordava os acontecimentos do Egito, quando o sangue do cordeiro besuntado nas portas dos hebreus protegeu-os contra o anjo exterminador de Deus,

¹⁹ **Evangelhos Sinóticos:** São os Evangelhos escritos pelas comunidades de Mateus, Marcos e Lucas, que colocam problemas com suas coincidências e discrepâncias: em cada perícopes, nas seqüências, na tendência. A comparação permite agrupar perícopes que figuram na tradição tripla (Mt-Mc-Lc), tradição dupla (Mt-Lc), simples no resto. Têm sido elaboradas diversas teorias para explicar os fatos: a) uma teoria documental que põe como base Mc + uma fonte que se reconstrói (Q); b) Interdependência complexa; c) Tradição oral, na qual vão tomando forma, relatos e seqüências, de acordo com formas relativamente estáveis, que os evangelistas empregam como materiais para sua composição pessoal. Hoje se estudam de preferência as formas comuns da tradição oral e o próprio de cada evangelista: crítica das formas-gêneros e da redação. (Cf. Monastério, R. A. e Carmona, A. R., *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo, Ave Maria, 2000, pp. 15-20).

quando pediam a libertação da escravidão imposta pelo faraó. O sangue do cordeiro que deu vida ao povo hebreu, agora possui outro significado em Jesus, Ele se dá como o cordeiro, entregando Seu próprio corpo e sangue para ser derramado por amor aos outros: *"Na Ceia Pascal de Jesus, Ele se entregou como o cordeiro imolado que tira os pecados do mundo (Jo 1,29). A imolação de Jesus na cruz exprime Sua fidelidade ao Pai, sendo o Seu sangue a manifestação da dimensão gratuitamente amorosa do sacrifício do Filho que se torna oferenda agradável ao Pai"*.²⁰

Esta Ceia de Jesus é o banquete inclusivo, onde os frutos do trabalho humano (trigo, pão, uva e vinho) juntam-se ao dom de Deus realizado em Cristo, sacerdote e vítima perfeita de reconciliação, pela presença do Espírito Santo. Na fração do pão, Cristo é reconhecido entre os seus e os seus são reconhecidos como discípulos (as) do Filho do Pai (Lc 24, 30-31; At 2, 42-47). Nesse banquete, ressalta-se a esperança na vida eterna e na Segunda vinda de Cristo (= *Parusia*). Por isso, *"toda vez que comemos desse pão e bebemos deste cálice, recordamos a morte de Jesus Cristo e esperamos a Sua vinda gloriosa"* (1 Cor 11, 26). Ao término desta última refeição, Jesus e seus discípulos cantam o *Hallel*, a ação de graças de encerramento da Ceia Pascal e partem todos para o Monte das Oliveiras, para as orações.

- **Os poderosos prendem Jesus:** Jerusalém era a Cidade Santa, mas também a cidade que matava os profetas:

- *"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os enviados, quantas vezes tentei reunir teus filhos como uma galinha reúne a ninhada debaixo de suas asas, e vós resististes. Pois bem, vossa casa ficará deserta. Eu vos digo que a partir de agora não voltareis a ver-me até que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor."* (Mt 23, 37-39)

Vítima de uma trama dos poderosos para o eliminarem, Jesus é entregue por um de seus próprios discípulos, Judas Iscariotes:

"(...) Satanás entrou em Judas, apelidado Iscariotes, um dos doze. Ele foi combinar com os sumos sacerdotes e os guardas um modo de entregá-lo. Eles se alegraram e se comprometeram dar-lhe dinheiro. Ele aceitou e andava procurando uma ocasião para entregá-lo, longe da multidão." (Lc 22, 3-6)

Foi entregue à polícia que servia as autoridades do Templo, quando sofria uma agonia (combate) e uma forte tentação: a de "fugir da morte". Mas mesmo assim, assumiu sua missão²¹ até o fim, fazendo uma de suas mais trágicas orações no Horto das Oliveiras (Gethsêmani [moinho de óleo], segundo os sinóticos):

"(...) Judas o traidor, conhecia o lugar, porque muitas vezes Jesus se reunira aí com seus discípulos. Então Judas tomou um destacamento e alguns criados dos sumos sacerdotes e dos fariseus, e se dirigiu para lá com tochas, lanternas e armas.

Jesus, sabendo tudo o que lhe iria acontecer, adiantou-se e lhe disse:

- A quem procurais?

Responderam-lhe:

- Jesus, o Nazareno.

Diz-lhes:

- Sou eu.

²⁰ Cf. V.V.A.A., *Eucaristia: fonte da missão e vida solidária. Texto-base do 14º Congresso Eucarístico Nacional - Campinas/SP*. São Paulo, Paulus, 2001, pp.10-11.

²¹ **Missão de Jesus:** O termo Messias = *Christós* em grego, aplica-se perfeitamente a Jesus, porque Ele cumpriu perfeitamente a missão divina que tal nome significa. O fato de os Judeus quererem fazer de Jesus o libertador político levou a que Jesus definisse, logo no início, qual a Sua missão: Ele veio para revelar e dar a conhecer o Pai. Assim como Jesus só ensinou as coisas do Pai, também na catequese, é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado; tudo o mais o é referência a Ele. E só Cristo ensina. (Cf. Rodrigues, L. M. F., *Jesus, Filho de Deus*. Salvador, CEBI - Mímeo, 2001, p. 3.)

Também Judas, o traidor, estava com eles. Quando lhes disse sou eu, retrocederam e caíram por terra. Perguntou-lhes novamente:

- A quem procurais?

Responderam-lhe:

- Jesus, o Nazareno.

Jesus respondeu:

- Eu vos disse que sou eu; mas, se me procurais, deixai estes ir embora."

(Jo 18, 3-8)

O Evangelista João, usa um termo teológico bastante expressivo: "Quem procura? - A Jesus de Nazaré? - Sou Eu.". "**Eu Sou**" (= ego eimi) era o nome de Deus, revelado a Moisés (Ex 3,14). Dessa forma, João revela Jesus como o próprio Deus, vivo e "acampado entre nós" (= encarnado).

Preso, Jesus foi levado pela polícia do Templo para ser julgado e condenado pelo Sumo sacerdote Caifás e pelo Sinédrio, a fim de consumarem seu assassinato.

4 - Os motivos da condenação de Jesus:

A pregação de Jesus centrava-se no anúncio do Reino de Deus. Benedito Ferraro afirma: "*para salvar e manter o sistema que sacrificava vidas humanas, os detentores do poder decidem matar Jesus. (...) É importante perceber que há um sistema que não aceita o anúncio do Reino e rejeita a prática da misericórdia de Jesus e, em seguida, a de seus seguidores, em relação aos pobres. Para manter este sistema, invoca-se a própria lei:*

- "Nós temos uma lei, e segundo a lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus". (Jo 19, 7)

Nesta perspectiva ainda de salvar o sistema, os detentores do poder vão ao extremo de negar a própria dimensão messiânica de Israel:" ²²

- "Se você soltar esse homem, você não é amigo de César. Todo aquele que pretende ser rei, se coloca contra César (...) Não temos outro rei além de César". (Jo 19, 12-15b)

Os relatos da paixão revelam os principais motivos de enfrentamento de Jesus com os poderes estabelecidos de sua época, que levaram a sua condenação e assassinato:

- **Motivo religioso:** Foi acusado pelo Sinédrio de blasfêmia, porque, sendo homem, se fez igual a Deus, pois o Deus de Jesus era um Pai amoroso, que preferia libertar os pecadores e os pobres ao ter que referendar os interesse "politiqueiros" dos sacerdotes e escribas e, conseqüentemente o seu domínio ideológico. Também por fazer sérias críticas ao sacerdócio, ao culto, a interpretação da Lei e ao Templo: ²³

- "Pelo Deus vivo, eu te conjuro que nos diga se és o Messias, o filho de Deus.

Jesus lhe respondeu:

- É o que disseste. E eu vos digo que desde agora vereis o Filho do Homem sentado à direita do Todo-poderoso e chegando nas nuvens do céu.

Então o sumo sacerdote, rasgando a veste, disse:

- Blasfemaste! Que falta nos fazem as testemunhas? Acabais de ouvir a blasfêmia. Qual é o vosso veredicto?

Responderam:

- Réu de morte,

Então lhe cuspiram no rosto, deram-lhe bofetadas e o golpeavam, dizendo:

- Messias, advinha quem te bateu. (Mt 26, 63-68)

- **Motivo econômico:** Outro motivo de sua condenação era o fato de ter dito que "destruiria o templo e o reconstruiria em três dias". Apesar de Jesus estar falando

²² Cf. Ferraro, Benedito. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*. São Paulo, Paulinas, 1993, pp. 54 e 55.

²³ Rodriguez, Francisco, M., *Jesus, relato histórico de Deus: cristologia para viver e rezar*. São Paulo, Paulinas, 1997, pp.81 a 83.

dele e não do edifício do templo, as autoridades e o povo que vivia da economia do templo, ficaram revoltados com esse exemplo de Jesus, pois o templo era em Jerusalém, a maior fonte de renda e emprego; entre sacerdotes, funcionários, cambistas, vendedores e operários internos e externos (nas pedreiras), chegavam a um cálculo de aproximadamente dezoito mil pessoas que viviam diretamente de sua organização, sem contar os empregos indiretos. Mexer com os empregos desta massa de trabalhadores significava por fim na principal fonte de renda de muitos, o que levou a uma das acusações de sua condenação:

"(...) E, embora se apresentassem muitas testemunhas falsas, não o encontraram. Finalmente se apresentaram duas, alegando: Ele disse: posso destruir o templo de Deus e reconstruí-lo em três dias. (...)" (Mt 26, 60 -61)

- **Motivo político:** Três situações nos remetem a compreender que o terceiro motivo foi o confronto político com os romanos e com os judeus:

❶ De um lado, o Sinédrio queria acabar com Ele, por que a classe dominante, em especial os sacerdotes e escribas, vira que a pregação de Jesus tinha grande impacto sobre o povo dominado. Este povo poderia levantar-se contra a ordem estabelecida, levando a aristocracia judaica a perder seus privilégios junto aos romanos. Os sacerdotes viam-se também ameaçados na sua autoridade, uma vez que Jesus curava e perdoava os pecadores, "passando por cima do templo":

- "Então muitos judeus, que tinham ido à casa de Maria e que viram o que Jesus fez, acreditaram nele. Alguns porém, foram ao encontro dos fariseus e contaram o que Jesus tinha feito. Os sumos sacerdotes e os fariseus reuniram o conselho e disseram:

- O que fazemos? Este homem está realizando muitos sinais. Se o deixarmos assim, todos crerão nele. Virão os romanos e destruirão o templo e a nação. Um deles, chamado Caifás, que era sumo sacerdote nesse ano, disse:

- Não entendeis nada. Não vedes que é melhor um só homem morra pelo povo, do que a nação toda perecer?

Caifás não falou isso por si mesmo. Sendo sumo sacerdote nesse ano, profetizou que Jesus ia morrer pela nação. E não só pela nação, mas para reunir os filhos de Deus dispersos. Assim, a partir desse dia, entraram em acordo para matar Jesus. Por isso, Jesus não andava mais em público entre os judeus. Retirou-se para uma região perto do deserto. Foi para uma cidade chamada Efraim, onde ficou com seus discípulos." (Jô 11, 45-52)

❷ Do outro lado, os zelotas queriam uma mudança política imediata. Apesar de não concordarem com os métodos libertários e violentos dos zelotas, o Sinédrio conseguiu jogar o povo contra Jesus na hora de seu julgamento público. Pode ser que Barrabás, o zelota, preso por suas ações terroristas, configurava aos olhos do povo como tendo mais condições que Jesus para encabeçar uma libertação nacionalista (contra Roma):

- "Pela festa costumava deixar-lhes livre um preso, aquele que pedissem. Um tal Barrabás estava preso com os amotinados que numa revolta haviam cometido um homicídio. A multidão subiu e começou a pedir-lhe o costumeiro. Pilatos lhes respondeu:

- Quereis que vos solte o rei dos judeus?

Pois ele sabia que os sumos sacerdotes o haviam entregue por inveja.

Mas os sumos sacerdotes incitaram o povo para que, ao contrário, pedissem a liberdade de Barrabás. Pilatos respondeu outra vez:

- O que faço com aquele [que chamais] rei dos judeus?

Gritaram:

- Crucifica-o!

Pilatos, decidido a satisfazer a multidão, soltou-lhes Barrabás, e, quanto a Jesus, o entregou para que o açoitassem e o crucificassem." (Mc 15, 5-15)

❸ O fato de Jesus ser considerado um blasfemo (motivo religioso), o Sinédrio poderia ter sentenciado sua morte por lapidação (apedrejamento) (Cf. Lv 24, 16), mas preferiram alegar motivos políticos. Este fato pode possuir dois sentidos:

a) para que os poderosos (do Sinédrio) não fossem alvos da revolta do povo, que reconhecia em Jesus um líder popular;

b) também, uma grande oportunidade de as autoridades judaicas estreitarem as relações diplomáticas com Roma, renunciando até mesmo ao projeto messiânico anunciado no Antigo Testamento, assim como o estabelecimento do reinado de Deus anunciado por Jesus.

Jesus foi fiel a sua missão sofrendo as conseqüências de sua prática inclusiva (contra o sistema de pureza). Encarnou em nosso meio, em nossa história humana; foi preso, torturado e condenado a morte pelos poderosos de sua época: Caifás e o Sinédrio (poder judaico) e por Pôncio Pilatos (poder romano). Benedito Ferraro afirma: *"Toda tentativa de tirar Jesus das implicações econômicas, políticas e sociais de sua época é um atentado contra a encarnação. É uma nova forma de docetismo²⁴ que nega o fato de Jesus ter assumido verdadeiramente a história humana."*²⁵

5 - A posição do povo frente à condenação de Jesus:

Jesus entrou em Jerusalém como a concretização das promessas dos profetas (a implantação do sistema de dádiva). O povo ficava admirado e atraído pelos Seus ensinamentos e o seguiam na esperança de uma solução às suas necessidades vitais. Entretanto, o povo também possuía dificuldades em acreditar num líder que surgiu do próprio povo, como relatam os Evangelhos (Mt 13, 55):

- "Ele não é o filho do carpinteiro?"
- "Não conhecemos sua mãe e seus irmãos (família)?"
- "Do jeito que atua, deve estar louco ou endemoninhado!"
- "Ele não é um nazareno? O que pode sair de bom de Nazaré?"

E mesmo entre seu discipulado, os ensinamentos de Jesus, causavam crises e desconfianças, fazendo com que muitos os abandonassem:

- *"A partir desse momento, muitos de seus discípulos voltaram atrás e já não andavam com ele."* (Jô 6, 66)

Somente o grupo dos doze e várias mulheres ficaram com Jesus, embora entre eles se encontrasse Judas, o traidor (Jo 67-71).

A população era em sua maioria constituída de iletrados e destituídos de qualquer direito. Dessa forma, por estarem sem orientação, eram facilmente ameaçados e manipulados pelos letrados e sacerdotes do templo. Talvez a "suposta apatia" do povo com os acontecimentos da condenação de Jesus, se deu pelo motivo de que ao ser preso, torturado, humilhado e agora condenado a morte pelas autoridades romanas e judaicas, configurasse aos olhos desse povo, que o projeto de Jesus tivesse sido um grande fracasso. Tinham esperado tanto por esse momento, mas agora os poderosos foram mais fortes do que Ele.

6 - A sentença de morte:

Jesus não encarnou no mundo destinado a morrer, mas na medida em que foi assumindo a conflitividade²⁶ de sua história na radicalidade de sua mensagem (pregando

²⁴ **Docetismo:** Tendência herética, na Igreja primitiva, de afirmar que a humanidade e os sofrimentos de Cristo eram aparentes e não reais. Esse ensinamento tem aparecido no agnosticismo, no maniqueísmo e em outras heresias dos primeiros séculos do cristianismo. (Cf. Rodriguez, Francisco, M., *Jesus, relato histórico de Deus: cristologia para viver e rezar*. São Paulo, Paulinas, 1997, p. 20).

²⁵ Cf. Ferraro, Benedito. *Cristologia: como compreender a vida, a prática, a morte e a ressurreição de Jesus, o Cristo, Senhor, Salvador, Libertador*. Campinas/SP, PUC-Campinas - Mímeo, 2001, p.61.

²⁶ Segundo o cristólogo Francisco M. Rodriguez, *"O que constitui o conflito na história dos humanos não é a diferença e sim o enfrentamento. Os interesses são um capítulo muito importante para explicar os conflitos. Quando entra em jogo interesses econômicos, interesses de prestígio, interesses de família... os conflitos podem adquirir categorias insuportáveis. O conflito está de tal forma relacionado com a violência que não é apenas causa dela, mas*

o Reino de Deus) e de sua prática inclusiva (acolhendo os pobres), eram inevitáveis os enfrentamentos com os poderes romanos e judaicos, que criavam as situações da miséria nacional.

Jesus entendeu logo, que não podia anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, sem "mexer na ferida" da má notícia do "anti-reino de Deus" (a opressão política, religiosa, ideológica, econômica, social, etc.), que mantinha o povo dominado "como ovelhas sem pastor".

Jesus não foi a "vítima sacrificial do Pai", ao contrário, Deus não mandou seu Filho ao mundo para ser morto, mas ao assumir sua missão de promover a vida e radicalizar contra os poderes que geravam a morte, Ele foi *sentenciado a morrer* como sendo a vítima sacrificial dos poderosos:

❶ **Pelas autoridades judaicas (Caifás e o Sinédrio):** Por denominar-se o Messias, Filho de Deus, suscitou desconfiança entre os judeus. Os judeus, que aguardavam a vinda do Salvador, anunciada no Antigo Testamento, não aceitavam Jesus como o Messias. Dessa forma, a morte Dele era encarada como o cumprimento da Lei (Jo 19,7), isto é, o "sacrifício de purificação" de Israel (Jo 11, 49-50), bem como a manutenção dos privilégios da classe dirigente judaica junto aos romanos;

❷ **Pelas autoridades romanas (Pôncio Pilatos):** Para as autoridades romanas, Jesus constituía uma ameaça à ordem estabelecida (como um rebelde zelota), bem como ao poder do imperador. Julgavam que ele, ao dizer-se Filho de Deus, pretendia ocupar o lugar do imperador (*Ba'al* = senhor = idolatria = reconhecer o imperador como deus), principalmente porque tinha apoio popular, pois anunciava o Reino de Deus, isto é, um novo modelo político-social aos pobres, ou seja, a todos aqueles que na ordem histórica, na lógica do mundo são os últimos.

Não há dúvidas que ao entendermos *"a morte de Jesus a partir dos movimentos populares do seu tempo, tal morte significou claramente a eliminação de um líder, que a partir de sua mensagem, o anúncio do Reino, retomava as grandes bandeiras da luta popular de seu tempo - luta pela terra, o não-pagamento de impostos, o perdão das dívidas, a libertação dos escravos. Isto incomodava as autoridades judaicas e romanas e, por isso, o eliminaram. Vista a partir de seus seguidores e do povo pobre a quem se dirigia preferencialmente a pregação de Jesus, sua morte foi um crime, uma morte injusta e com responsáveis por este ato."*²⁷

Caifás, o sumo sacerdote, era realmente muito astuto. Diante dele, a acusação contra Jesus, foi de *blasfêmia*; mas, quando se entrava na esfera política, ela se tornava *traição ao império romano*. Temendo a reação do povo contra um apedrejamento (pena de morte entre os judeus), as autoridades judaicas levaram Jesus para o procurador Pôncio Pilatos, para que os romanos o matassem.

Pilatos, também não era ingênuo, sabia muito bem que as autoridades judaicas estavam "empurrando o problema" para que ele resolvesse, e astutamente tenta se escamotear. Sabendo que Jesus era Galileu, envio-o para o rei Herodes Antipas, que era responsável pela Galiléia e, portanto pelas leis que regiam esta região. Jesus não respondeu a Herodes Antipas (que representava a lei judaica na Galiléia). Este se sentindo humilhado, juntamente com sua corte (os herodianos) zombou de Jesus e o enviaram novamente a Pilatos (que representava a lei romana), conforme nos informa o Evangelho de Lucas, neste dia Herodes e Pilatos ficaram amigos, isto é, os poderes civis

é o fato de se viver na violência e esta, por sua vez, provocar novos conflitos. A guerra é o conflito maior." (Cf. Rodriguez, Francisco, M., *Jesus, relato histórico de Deus: cristologia para viver e rezar*. São Paulo, Paulinas, 1997, p. 131).

²⁷ Cf. Ferraro, Benedito. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*. São Paulo, Paulinas, 1993, p. 63.

(judaico e pagão) se aliaram para eliminar uma liderança popular que os incomodavam (Lc 23, 8 e 12).

Jesus se vê novamente diante do poder romano, acusado pelas autoridades judaicas. Nos relatos dos Evangelhos, parece que o principal motivo da condenação de Jesus por Pôncio Pilatos, foi o fato de Jesus ser aclamado pelo povo como "Rei dos Judeus", talvez já informado da dimensão messiânica que isto significava entre os judeus (o libertador político = termo zelota):

"És tu o rei dos judeus?"

Jesus respondeu:

- Dizes isso por sua conta, ou foram outros que te disseram de mim?

Respondeu Pilatos:

- Como se eu fosse judeu! Tua nação e os sumos sacerdotes te entregaram a mim. Que fizeste?

Jesus respondeu:

- Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus servidores teriam lutado para que os judeus não me entregassem. Pois bem, meu reino não é daqui.

Disse-lhe Pilatos:

- Então és rei?

Respondeu Jesus:

- É o que dizes. Eu sou rei: para isso nasci, para isso vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Quem está a favor da verdade escuta minha voz." (Jô 18, 33 -37)

Pilatos entregou Jesus aos soldados, que o açoitaram provavelmente com uma **Flagra** (pequeno chicote de correntes, com pontas de lascas de ossos ou bolotas de chumbo) e zombaram dele, certamente na tentativa de desprestigiá-lo junto ao povo. A zombaria versou sobre o título de rei. Coroaram-no com espinhos e o vestiram com um pano de cor púrpura (cor imperial), talvez um trapo de limpar o chão que estava ali jogado (não podia ser uma veste nobre).²⁸

Para as autoridades judaicas, a lei é invocada (Jo 19, 7), pois a figura de Jesus é inconciliável com a interpretação que os judeus faziam da lei: para conservar a "lei", conforme os seus interesses era preciso eliminar Jesus.

Com a suposta resistência de Pilatos em atender o veredicto dos judeus, em matá-lo (provavelmente para não se envolver nas questões judaicas), as autoridades judaicas apelaram (chantageando-o) para a fidelidade do procurador ao imperador romano:

"Se o soltas, não és amigo de César.

Quem se faz rei vai contra César."

João, Cap. 19, Vers. 12.

O título "amigo de César" era honorífico, dado àqueles que tinham submissão total ao imperador, que em troca dessa fidelidade dava aos seus súditos cargos e riquezas. Dessa forma, acossado pelos judeus, Pilatos se vê envolvido na trama de morte contra Jesus: se libertasse Jesus, seria denunciado em Roma pelas autoridades judaicas que alegariam que o procurador não soube conduzir o processo, estando assim interferindo nas leis locais e por deixar viver um inimigo politicamente perigoso ao império.

Pilatos exposto a perder a "amizade de César", então pronunciou a sentença de morte de Jesus:

²⁸ Jacques Duquesne nos informa: "Os outros povos zombavam da espera dos judeus por um Messias. O filósofo Filo de Alexandria conta que, quando da visita de Agripa 1º rei dos judeus, àquela cidade, alguns anos depois da morte de Jesus, os habitantes agarraram um homem tido pelo povo como louco chamado Karabas; eles o coroaram com espinhos, vestiram-no com palha, fizeram com que fosse acompanhado por jovens munidos de bastões em forma de lanças e que o saudassem gritando "Marin" (grafia aramaica de *Maran*, que significa "Senhor")" (Cf. Jacques Duquesne. *Jesus: a verdadeira história*. São Paulo, Semente, 2005, p. 245.)

"Então o entregou para que fosse crucificado.

E o levaram. Jesus saiu carregando ele próprio a cruz para o lugar chamado caveira (em hebraico Gólgota)."

João, Cap.19, Vers. 16 e 17.

Condenado, fizeram-no carregar o próprio instrumento de tortura pelas ruas de Jerusalém,²⁹ que lhe causaria o golpe fatal: a cruz.³⁰

A **sentença de morte na cruz** era destinada aos **inimigos políticos** do império romano (os rebeldes). Era também uma pena imputada para os escravos fugitivos ou plebeus que não tinham a cidadania romana, isto é, para aqueles que eram considerados desprezíveis, a "ralé" da sociedade. Morrer na cruz era um escândalo para o condenado e para sua família.³¹ Por ser Jerusalém a "Cidade Santa", as autoridades decidiram matá-lo fora dela, em uma de suas entradas, isto é, na colina do **Gólgota**,³² para que todos os peregrinos que chegassem lá para a festa da Páscoa judaica, o vissem e sua crucificação servisse de exemplo para quem se posicionasse contrário aos poderes estabelecidos (romano e judaico).

7 - O assassinato de Jesus na cruz:

A vida de conflitos de Jesus com os poderes estabelecidos estava chegando ao final. Tinha subido à Jerusalém para superar os conflitos messiânicos e sabia muito bem que lá o matariam. Foi preso, torturado, e condenado injustamente à morte, e morte de cruz:

"Aí o crucificaram com outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio. Pilatos mandara escrever um lereiro e cravá-lo na cruz. O escrito dizia: Jesus, o Nazareno, Rei dos Judeus."(Jo 19, 18 -19)

Colocaram-no entre dois "malfeitores" ou "terroristas" (Mc 15, 27), isto é, certamente entre dois rebeldes zelotas. Eram comuns, que sobre a pessoa crucificada, fosse colocado escrito os motivos pelo qual foi executado: "**Iezus Nazaretius Rex Iudeorum**" (Jesus Nazareno Rei dos Judeus – INRI), isto é, como um inimigo do império.

Pendurado no madeiro da cruz, Jesus olha a sua volta, e o que vê é o abandono: dos seus discípulos que o negaram e fugiram com medo e, do povo que o acompanhou e testemunhou os seus feitos, agora "permanecia lá a olhar" (Lc 23, 35). Somente sua mãe assumiu o escárnio de ser vista como mãe de um crucificado, acompanhada de algumas mulheres que estavam lá junto dele (Jo 19, 25).

Nesse sentimento de total abandono, Ele ainda encontrou forças para o exercício da **misericórdia**: "**Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem**" (Lc 23, 34), e para a **oração**. Dentro da mais absoluta escuridão, Jesus teve **Fé** e esta fé o levou a suportar as conseqüências de sua missão até o fim: "**Eloí, Eloí, lama, sabachtani!**" (Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?) (Mc 15, 34). Estas palavras de Jesus é o primeiro

²⁹ É bastante significativa a reflexão do Cardeal italiano, Carlo Maria Martini sobre a *Via Crucis*: "*Há uma linha de meditação que se pode chamar histórico-afetiva, a Via Crucis, por exemplo, que se baseia sobre os Evangelhos e também sobre todas as tradições, interpretações, cenas acrescentadas, que concretizam a via de Jesus para o Calvário. Esta, medita, seguindo estação a estação, etapa a etapa, os sofrimentos de Jesus, com a participação afetiva. Esta linha é chamada histórica. Porque supõe uma participação íntima e pessoal nos sofrimentos, principalmente nos sofrimentos do homem (dos pobres) assim como aparecem*". (Cf. Martini, Carlo Maria. *Os relatos da Paixão de Cristo*. São Paulo, Paulus, 1994, p. 26).

³⁰ **Cruz**: A cruz, provavelmente era dividida em duas partes. O poste vertical (*stipes*) sem dúvida já estava em posição na colina do Gólgota. O travessão (*partibulum*) ao qual as mãos seriam fixadas seria transportado pela vítima, juntamente pendurada ao pescoço, a "placa" dando os detalhes dos motivos da condenação.

³¹ O livro do Deuteronômio diz: "*Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso a uma árvore, seu cadáver não poderá permanecer na árvore à noite; tu o sepultarás no mesmo dia, pois o que for suspenso é um maldito de Deus. Deste modo não tornarás impuro o solo que Iahweh teu Deus te dará como herança*". (Dt 21, 22-23).

³² **Gólgota**: palavra aramaica, que significa "crânio". O latim *Clavarius* (de onde o português "Calvário") significa "colina nua como um crânio limpo".

versículo do Salmo 22, que se inicia como uma lamentação e prece de um inocente perseguido e termina como ação de graças pela libertação esperada. Na época de Jesus, as citações dos livros sagrados não possuíam capítulos e versículos como a Bíblia de hoje; para saber qual leitura se estava dizendo, recitava-se o primeiro versículo. Provavelmente Jesus recitou o Salmo 22 inteiro como última oração ao Pai (= *Abba*), sentindo-se injustiçado e pedindo ao Pai proteção ao povo necessitado. **O PAI não o abandonou**, a Sua entrega livre e espiritual (= *doxa*), bem como a Sua absoluta fidelidade na missão libertadora aos pobres, com Sua morte estavam se cumprindo:

"Deus amou de tal maneira o mundo que lhe deu Seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou seu Filho para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele" (Jo 3, 16 – 17)

O teólogo Leonardo Boff afirma: *"Numa dimensão mais profunda, Deus não o abandonou. Estava com ele no sofrimento e na morte; não o abandonou, permaneceu com Ele na morte, de tal forma que a ressurreição mostrou a presença de Deus Nele. A ressurreição revela o escondido: o que era escandaloso para os outros se iluminou pela ressurreição. As profecias da morte e da ressurreição querem deixar isso bem claro. Começou-se a ver tudo a partir de Deus: a atuação de Jesus, Sua atividade missionária, Sua morte e sua ressurreição. Deus estava agindo salvificamente em Jesus, no Seu caminho, não exclusivamente na morte, mas em tudo o que lhe aconteceu, fez, falou e viveu. Em tudo, mesmo na morte".*³³

Dessa forma, entendemos que o Pai não exigiu a morte ao Seu filho. Jesus morreu por ter assumido a condição humana em sua totalidade, isto é, assumiu uma postura de conflito com os poderes estabelecidos, que só poderia resultar em sua eliminação, em seu martírio. A esta situação do martírio de Jesus, argumenta o antropólogo René Girard: *"Não podemos encarar no processo de Jesus, na intervenção da multidão, na crucificação, um acontecimento incomparável em si mesmo, enquanto acontecimento do mundo. Os Evangelhos afirmam o contrário, que Jesus está no mesmo lugar que todas as vítimas passadas, presentes e futuras".*³⁴ Jesus não morreu por "morte natural", cumprindo um mero destino. Jesus foi assassinado por ter cumprido a missão de libertar (anunciando o Reino e denunciando as situações de "anti-reino") os pobres de sua condição de exclusão política, social, ideológica, religiosa, etc...

A hora era às 15h00min da tarde da Sexta feira, véspera do Sábado (= *parásceve*), que naquele ano, também seria a Páscoa judaica, período do dia, em que se matavam os cordeiros. Jesus cumprindo o encargo que o Pai lhe designou, pregado à cruz, como um cordeiro, agora era imolado.

Os soldados romanos designados para esse tipo de execução eram peritos, isto é, treinados para que o serviço fosse bem feito e sem expressar qualquer tipo de compaixão com relação à vítima (mesmo que em Jerusalém, não fosse comum crucificar alguém). E além do seu salário de soldado, tinham direito de ficar com as vestes do condenado, como paga pelo serviço de carrasco (as *pannicularia*, que era sorteada entre eles). Jesus recusou a bebida anestésica que lhe foi oferecida por alguém (Mc 15, 23)³⁵. Ele iria sofrer tudo voluntariamente.

O regulamento mandava que o condenado fosse pregado pelas mãos (pulsos) e pés (um sobre o outro ou as pernas semi-abertas e pregadas cada uma com um prego).

³³ Cf. Boff, Leonardo. *Paixão de Cristo - Paixão do mundo*. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 92.

³⁴ Cf. René Girard. *A violência e o sagrado*. São Paulo, Editora UNESP / Paz e Terra, 1990, p. 57.

³⁵ Os legionários romanos possuíam um truque para resistirem à sede no calor escaldante do deserto, a *posca*, isto é, uma mistura de água com vinagre. A regra militar, mandava carregarem consigo um cantil com esta bebida.

O indivíduo crucificado sofria terrivelmente: de sede e, depois de câibras. Segundo especialistas, todos os músculos do corpo enrijeciam e provocavam dores fortíssimas. No caso de Jesus, segundo os Evangelhos, isso tudo durou três horas.

Finalmente, Jesus declarou que sua obra estava consumada, entregando-se à morte. Conforme o regulamento, era necessário que um soldado certificasse se realmente o condenado estava morto, assim transpassaram-lhe uma lança pelo lado direito, onde jorrou sangue e água. Alguns especialistas dizem que esta água misturada ao sangue é o fluído do pericárdio (especialistas em teologia, afirmam possuir um sentido teológico = batismo), esta era a prova de que realmente Ele estava morto.

"Depois, Jesus, sabendo que tudo estava terminado, para que se cumprisse a Escritura diz:

- Tenho sede.

Havia aí um jarro cheio de vinagre.

Empaparam uma esponja em vinagre, a prenderam num hissopo e a aproximaram da sua boca. Jesus tomou o vinagre e disse:

- Está acabado.

Inclinou a cabeça e entregou o espírito.

Era a véspera do Sábado, o mais solene de todos; os judeus, para que os cadáveres não ficassem na cruz no Sábado, pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e os descessem. Os soldados foram e quebraram as pernas aos dois crucificados com ele. Ao chegar a Jesus, vendo que estava morto, não lhe quebraram as pernas; mas um soldado lhe abriu o lado com um golpe de lança. Imediatamente jorrou sangue e água.

Aquele que viu dá testemunho, e seu testemunho é fidedigno. Sabe que diz a verdade, para que creiais. Isso aconteceu para que se cumprisse a Escritura: Não lhe quebrareis nenhum osso; e outra Escritura diz: Contemplarão aquele que transpassaram." (Jô 19, 28 - 37)

Após a morte, o corpo de Jesus foi descido da cruz e entregue aos seus amigos (discípulos e discípulas). Como era tarde da Sexta-feira, fizeram a preparação do corpo e o sepultamento rapidamente, pois o dia seguinte, o Sábado, conforme a Lei, não se poderia fazer nada. O sepultariam e voltariam ao túmulo no dia seguinte ao Sábado para embalsamá-lo na primeira hora (Lc 23, 55-56). Segundo o relato dos Evangelhos, um fariseu do Sinédrio, chamado José de Arimatéia (que provavelmente acreditava na mensagem de Jesus e o seguia), pediu seu corpo para ser sepultado, pois para os judeus, ir para a cova comum dos indigentes, eram uma desgraça e infâmia. A coragem de José de Arimatéia (pedindo o corpo de um condenado para Pilatos) deu um sepulcro digno a Jesus (uma caverna nas proximidades do Gólgota, sendo lacrada com uma pedra circular) (Mc 15, 42-47).

Jesus estava morto. Mas a esperança não. A cruz continua sendo ***loucura e escândalo***, conforme reflete São Paulo (1 Cor.1, 17-23) A cruz ultrapassa o conceito de um Deus negador da corporeidade (Theós - grego) e apresenta um Deus encarnado (***basar*** = carne = corpo e alma), vivendo em tudo o humano, exceto o pecado, morrendo na cruz em profunda solidariedade com a dor e o sofrimento humano (= ***Kénosis***), principalmente dos mais pobres.

A morte de Jesus, tanto para seus discípulos e discípulas, como para seus opositores, representava aparentemente, o final da história. Pensavam que esta história não tinha uma continuação e, principalmente, de que a sua morte, era apenas o princípio. A fé de Jesus no estabelecimento do Reino de Deus, fez com que Ele vencesse a morte prematura e ressuscitasse ao terceiro dia.

8 - A Ressurreição: Jesus vence a morte:

A partir do Pentecostes, os apóstolos e discípulos de Jesus declaram-se "***testemunhas da ressurreição do Senhor***" (At 1, 22; 2 -32). Este foi seu título e sua

glória, ao mesmo tempo sua autoridade de pregar. Eles são realmente testemunhas do fato de que Jesus ressuscitou e voltou à vida no terceiro dia (três é o número da plenitude) após sua morte.

Toda a fé cristã baseia-se neste único fato: **Jesus Ressuscitou**. Se os cristãos não crêem neste evento de suma importância, nossa fé não possui qualquer significado.

Não poder haver dúvidas quanto à morte de Jesus. Podemos citar alguns acontecimentos como testemunhas do ocorrido:

- a) **Pôncio Pilatos**: espantou-se em saber que Jesus estava morto e enviou um soldado para certificar-se do fato antes de entregar o corpo de Jesus aos seus discípulos (Mc 15, 44-45);
- b) **Os soldados**: que ao acabar de matarem as outras duas vítimas crucificadas junto a Jesus, quando chegaram Nele, o encontraram morto. Eles testemunham o "sangue e água" de que fala São João (Jo 19, 32-34);
- c) **Os amigos de Jesus**: que desceram seu corpo da cruz e o sepultaram. Certamente, as autoridades não teriam deixado levarem o corpo de Jesus, se este não estivesse morto (Mt 27, 57-61; Mc 15, 42-47; Lc 23, 50-56);
- d) **Os inimigos de Jesus**: que temerosos de que seus discípulos pudessem roubar Seu corpo, colocam os soldados para guardar o túmulo. Depois da ressurreição pediram para que os soldados testemunhassem de que o corpo tinha sido roubado enquanto dormiam (Mt 27, 63-66; Mt 28, 11-15).

Mas, "*Quando o Sábado passou, de manhã, no primeiro dia da semana, ao raiar do sol*" (Mc 16, 1-2), algo novo havia acontecido: algumas mulheres chegaram e "ao levantarem os olhos" (desejo de ver algo inacreditável) em direção ao túmulo onde Jesus estava sepultado, o encontraram aberto. Entrando no túmulo encontraram "*um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca*" (Mc 16, 5) (simboliza a força do corpo que volta a trabalhar). E as palavras desse "jovem" esboçam os relatos da prática de Jesus desde o começo (Mc 16, 6-7):

- "Procurais Jesus Nazareno?" (é a identidade de Jesus);
- "O crucificado? Ressuscitou!" (os relatos da Paixão, morte e ressurreição);
- "O encontrarão na Galiléia!" (local onde Ele começou a sua prática missionária);
- "Ele vai à sua frente." (é uma alusão à evangelização dos pagãos).

A morte, não conseguiu vencer Jesus, muito menos sua prática, pois quem quer **conhecer a Jesus, tem que fazer o mesmo caminho que Ele, portanto ir à Galiléia para lá encontrá-lo** (seguir sua prática inclusiva).

Não adiantou nada os poderes do "anti-reino de Deus", colocar Jesus por terra, Seu corpo (= *basar / sarx*) se **levantou**. Assim como sob seu chamado se levantaram outros: a sogra de Pedro, paráliticos, doentes (o menino epilético e o cego de Jericó) e mortos (a filha de Jairo e Lázaro). A **prática inclusiva** de Jesus tem o poder de levantar, de dar a vida. E os discípulos e discípulas (de ontem e hoje) possuem esta mesma missão: propagar a mensagem e a prática de Jesus (dando vida) entre os povos.

Em Marcos, o medo das mulheres (Mc 16, 8), é o mesmo medo que temos hoje: confiar de que Jesus está a nossa frente ao percorrermos o mesmo caminho que Ele percorreu, principalmente tendo a certeza de que se formos fieis à sua prática, estaremos sujeitos as conseqüências dela: a perseguição e às vezes, o martírio.

Jesus ressuscitado é reconhecido e testemunhado:

- Por Maria Madalena: ao chamá-la pelo nome;
- Pelos discípulos de Emaús: ao partir o pão;
- Por Tomé: ao tocar-lhe as chagas e colocar a mão no seu lado;

Ao ser reconhecido, Jesus faz-se luz aos seus discípulos e discípulas. Tomé diz a profissão de fé mais conclusiva do que significa a experiência de estar em Jesus e de

reconhecer sua ressurreição: "*Meu Senhor e Meu Deus*" (Jo 20, 27). Meu Senhor (hebraico = 'adonay) e Meu Deus (hebraico = *Iahweh*), é o título clássico da aliança: **Jesus é a nova aliança**, é o próprio Deus = **Eu Sou**.

A experiência Pascal, é a experiência de Cristo ressuscitado, é a experiência de Deus, que apenas se conhece pela **Fé**. Por isso aqueles que o seguiam (seus apóstolos e apóstolas e discípulos e discípulas), transformaram-se em testemunhas do Deus vivo que se fazia presente no ressuscitado. O testemunho Dele ia de cidade em cidade, aldeia em aldeia penetrando os corações dos que tinham fé nesta verdade.

As aparições de Jesus a seus discípulos, possuem quatro aspectos fundamentais:

- **Reconhecer que o ressuscitado é o mesmo que foi crucificado:** Aquele que aparecera entre eles é o mesmo que caminhou com eles da Galiléia para Jerusalém e foi crucificado, morto e sepultado. E agora vendo suas chagas nas mãos e pés, bem como a ferida da lança transpassada em seu lado, percebiam que aquele que estava ali, não era um fantasma. Era Jesus de Nazaré, que pela ressurreição tinha convertido em Senhor e Messias;
- **Sua vitória sobre a morte:** Jesus venceu a morte, submeteu às leis da natureza. A natureza está condicionada à sua vontade, e não Ele à dela;
- **Deus toma a causa dos pobres:** Deus ressuscitou um crucificado. Jesus viveu pobre, identificado com os pobres, desenvolveu sua prática inclusiva em meio aos pobres. Por querer libertar os pobres, foi morto. E morte de cruz. Deus ao ressuscitar Jesus, se mostra um Deus que está ao lado dos pobres, dos pecadores, dos esquecidos sociais (de todos os tempos). Se Deus está do lado dos oprimidos, em contrapartida ele se posiciona contra os opressores (de ontem e de hoje). Dessa forma, Deus não ama o pobre por este ser bom, mas exatamente por este ser excluído da lógica do mundo, necessita mais de seu amor.

É bastante expressiva a conclusão de Benedito Ferraro: "*A ressurreição está no coração do cristianismo (Cf. 1Cor 15, 12-15). A ressurreição faz com que os discípulos se constituíssem novamente como comunidade e superassem o fosso cavado pela morte. São Paulo (Cf. 1Cor 17, 25) mostra que a morte de Jesus era um escândalo que deveria ser ultrapassado, pois a cruz era vista como maldição (Cf. Gal 3, 13; Dt 21,23), somente superada pela ressurreição (Cf Jo, 17). A morte do Messias na cruz causava muitos problemas e exigia um grande esforço de expiação por parte das primeiras comunidades. O uso das Escrituras ajudava as comunidades nesta superação do escândalo e loucura. Eis o sentido da Teologia da Ressurreição.*"³⁶

A ressurreição de Jesus é o sinal de que o sacrifício oferecido por Cristo foi aceitável e agradável aos olhos de Deus. Foi a marca da aprovação de Deus, que agora não necessita de mais nenhum sacrifício, pois o sacrifício perfeito, foi seu Filho, que levou a humanidade inteira consigo, dando-nos nova vida e "vida em abundância".

9 - A Ressurreição de Jesus Cristo devolve-nos a vida:

A ressurreição de Jesus Cristo é a maior festa da Igreja. É uma parte intrínseca do mistério da redenção. Na oração da missa de Páscoa rezamos: "nesse dia abriu para nós as portas da vida eterna" através da "vitória de Cristo sobre a morte" e o prefácio narra como Cristo "morrendo, destruiu a morte em nós e, ressuscitando, devolveu-nos a vida":

"Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, é vã a nossa fé. E nós passamos por falsas testemunhas de Deus, pois testemunhamos contra Deus,

³⁶ Cf. Ferraro, Benedito. *Cristologia: como compreender a vida, a prática, a morte e a ressurreição de Jesus, o Cristo, Senhor, Salvador, Libertador*. Campinas/SP, PUC-Campinas - Mimeo, 2001, p.62.

dizendo que ressuscitou a Cristo, sendo que não o ressuscitou, já que os mortos não ressuscitam. Pois, se os mortos não ressuscitam, tampouco Cristo ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, vossa fé é ilusória, ainda viveis em vossos pecados, e os que morreram como cristãos perecem para sempre. Se pusemos nossa esperança em Cristo somente para esta vida, somos os homens mais dignos de compaixão.

Mas não! Cristo ressuscitou como primícia dos que morreram, visto que, se por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos."

(1Cor 15, 14 -21)

Somente o poder de Deus, donde emana toda a vida, pode ressuscitar um corpo morto e, Deus fez isso por Jesus. Dessa forma, a afirmação de Jesus em ser Ele o Filho de Deus (próprio Deus), com Sua ressurreição, comprova Sua **divindade**.³⁷

"(...) reservado para anunciar a boa notícia de Deus, prometida por seus profetas nas Escrituras sagradas: a respeito do seu Filho, nascido fisicamente da linhagem de Davi, a partir da ressurreição, estabelecido Filho de Deus com poder pelo Espírito Santo." (Rm 1, 1-4)

A fé da comunidade dos discípulos de Jesus que testemunharam a Sua ressurreição animou-os no **Espírito Santo**, atualizando a sua prática e tornando-a presente definitivamente na história, na nossa história. Dessa forma, Jesus torna-se **o Senhor da História, o Senhor na História**. A ressurreição atesta o **reinado** de Jesus sobre todo o cosmos:

"Por isso Deus o exaltou e lhe concedeu um título, para que, diante do título de Jesus, todo joelho se dobre, no céu, na terra e no abismo;

e toda língua confesse para glória de Deus Pai:

Jesus Cristo é o Senhor!" (Fl 2, 10 – 11)

A ressurreição de Jesus leva-nos a confessar que Jesus é Deus, isto não significa tirar-lhe a humanidade, isto é, sua encarnação na totalidade da história humana (como se fosse uma farsa). Significa sim, confessar que o homem, Jesus o ser de Deus, se fez presente de maneira única na história humana. Dessa forma, Em Jesus, se dá a antecipação do **escaton**, isto é, Ele é a figura do ser humano perfeito. Jesus, o Cristo, é aquele que possibilita a utopia do estabelecimento do reinado definitivo de Deus na história.

O retorno físico (corpo e alma) de Jesus de seu leito de morte abre novos horizontes para a escatologia cristã, para a fé e esperança de nossa ressurreição corpórea no final dos tempos. O corpo foi assumido pela vida. A antiga separação entre o **corpo** (= *sarx*) e a **alma** (= *pneuma*), com a ressurreição de Jesus foi superada, numa nova **corporiedade** (= *basar*), como reflete o teólogo Paulo Sergio Lopes Gonçalves: "A ressurreição de Jesus é o núcleo fundamental da fé cristã que dá sentido à morte e leva a humanidade a refletir como esperança sobre a vida além da morte. A ressurreição de Jesus é a base para a compreensão da ressurreição dos mortos. A compreensão da ressurreição dos mortos requer clareza em dois pontos imprescindíveis: a ressurreição da carne e o duplo fato da revelação - a criação do homem por Deus e a encarnação do Verbo divino - postular o ser humano. O primeiro se refere à certeza de que o homem se torna perfeito integralmente e não somente no estado de alma. O ser humano

³⁷ Somente Deus é bom, sábio, justo, amoroso, acolhedor e misericordioso de forma infinita. O ser humano não o é. Entretanto, é preciso termos claro, que a divinização de Jesus, não retira dele sua humanidade (encarnação), uma vez que ele se fez carne, e habitou entre nós (espaço e tempo determinado). Ao pensarmos em Jesus como sendo totalmente divino, negando a Sua humanidade (heresia = docetismo) ou totalmente humano, como não sendo a 2ª Pessoa da Trindade, isto é o Filho de Deus, portanto o próprio Deus (heresia = adocianismo) entre outras heresias (modalismo = negação do Filho e do Espírito Santo; Arianismo e Nestorianismo = limitação da divindade de Jesus), leva-nos aos primeiros séculos do cristianismo (Sec. IV-V), onde estas deformações conceituais entre a humanidade e a divindade de Jesus, foram amplamente debatidas nos diversos Concílios, até sua definição final no Concílio de Calcedônia (451a.C.): "Jesus é Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus" (quem quiser aprofundar mais sobre este assunto, indicamos: Cf. Boff, Leonardo. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis, Vozes, 1986; Hick, John. *A metáfora do Deus Encarnado*. Petrópolis, Vozes, 2000.).

*ressuscitado se identifica com o ser humano terrestre vivido na história. A abertura ontológica do homem o faz alcançar a sua plenitude no final dos tempos como acolhimento ao Dom de Deus. Dentro da dimensão misteriosa, o ser humano, imediatamente depois da morte, pode estar vivo com Deus, com o seu "eu" pessoal dotado de consciência e liberdade. O segundo denota que o ser humano possui um núcleo pessoal indestrutível na sua consciência e liberdade. Não existe separação entre matéria e espírito. Se houvesse tal separação, o homem deixaria de ser humano. Cada ser humano está postulado pelo dado da revelação. O seu destino está ligado ao destino dos outros homens e do mundo, pois o homem é simultaneamente pessoa que possui influência social e é atingido pelo coletivo na constituição de seu ser."*³⁸

A morte de Jesus não foi o Seu fim. A resposta do Pai não se fez esperar: Ressuscitou-o. Jesus está vivo. A nossa experiência teológica-cristã de pecadores termina na esperança-certeza da vida. Vida que é dom e realidade escatológica: História e eternidade. Encontro do presente temporal e do futuro definitivo.³⁹ Jesus ressuscitado não vivia de maneira normal: passava pelas paredes, mas comia o peixe (Lc 24, 41-43). Era um viver radicalmente novo: a vida eterna. Assim, na esperança de Jesus, também nós ressuscitamos de nossa morte, que por Ele foi vencida, para vivermos ao Seu lado na morada eterna, onde Jesus está sentado à ***direita do Pai***.

10 - A Ascensão de Jesus:

Ascensão é subir para a direita do Pai, isto é, Jesus adquiriu a mesma dignidade do Pai. Jesus não é o Mesmo que o Pai, mas possui a mesma dignidade que Ele.

Nos dois Evangelhos Sinóticos: Marcos e Lucas, vemos as seguintes narrações sobre a Ascensão de Jesus:

- *"O Senhor Jesus, depois de falar com eles, foi levado ao céu e sentou à direita de Deus."* (Mc 16, 19)

- *"A seguir os levou a Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou.*

E enquanto os abençoava, separou-se deles e era levado ao céu."(Lc 24, 50 - 51)

Assim como podemos seguir a viagem de Jesus pela morte e ressurreição em nossa corporeidade (= *basar*), também podemos, segui-lo corporeamente ao céu. Quando entre nós, Jesus disse aos discípulos:

"Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar.

Quando eu for e o tiver preparado, voltarei para levar-vos comigo, para que estejais onde eu estou." (Jo 14, 2-3)

No céu, Jesus reina com o Pai, assim como prossegue a Sua obra redentora. Ele que foi sacrificado, também foi sacrificante e Seu papel sacerdotal continua. As marcas das feridas de Sua Paixão, presentes em Seu corpo glorificado, são testemunhadas e exibidas diante do Pai por toda a eternidade, por amor incondicional por nós.

A partir da Ascensão, temos uma missão bem definida: não nos extasiarmos olhando para o céu, mas sim voltarmos para a terra e atualizarmos o acontecimento que ele encarnou, enquanto esperamos Sua vinda gloriosa, como prescreve os Atos dos Apóstolos:

"Dito isso, em sua presença se elevou, e uma nuvem o ocultou a seus olhos. Continuavam com os olhos fixos no céu enquanto ele partia, quando duas personagens vestidas de branco se apresentaram e lhe disseram:

- Homens da Galiléia, que fazeis aí olhando para o céu? Este Jesus que vos foi arrebatado para o céu, virá como o vistes partir para o céu." (At 1, 10-11)

³⁸ Gonçalves, Paulo Sergio Lopes. *Escatologia da Libertação: o homem livre se encontra com Deus*. Campinas/SP, PUC-Campinas - Mímeo, 2001, p. 3.

³⁹ Libânio. J. B. *Crer e crescer: orientação fundamental e pecado*. São Paulo, Olho D'água, 1999, p. 70.

Jesus está vindo diariamente, a cada minuto, a cada segundo, principalmente como os mais pobres e sofridos, mas também "em cada gesto libertador e em cada movimento de um coração que ama e que expressa o amor com que Deus nos ama."⁴⁰ "Vem, Senhor Jesus" (= *Maranatha* - Ap 22, 20). Jesus um dia retornará para o julgamento final, para o julgamento de nossos atos de acolhimento ou exclusão do próximo, dos pobres. E isso nos fará aproximar da mensagem e da prática Dele (céu) ou nos distanciarmos da mensagem e da prática Dele (inferno):

"Quando chegar o Filho do Homem com majestade, acompanhado de todos os seus anjos, sentará em seu trono de glória e comparecerão diante dele todas as nações. Ele separará uns de outros, como um pastor separa as ovelhas das cabras. Colocará as ovelhas à sua direita e as cabras à sua esquerda. Então o rei dirá aos da direita: Vinde, benditos de meu Pai, para herdar o reino preparado para vós desde a criação do mundo. Porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era migrante e me acolhestes, estava nu e me vestistes, estava encarcerado e fostes ver-me. Os justos lhe responderão: Senhor, quando te vimos faminto e te alimentamos, sedento e te demos de beber, migrante e te acolhemos, nu e te vestimos; quando te vimos enfermo ou encarcerado e fomos visitar-te? O rei lhes responderá: Eu vos asseguro: o que fizestes a estes meus irmãos menores, a mim o fizestes. Depois dirá aos da esquerda: Afastai-vos de mim malditos, para o fogo eterno preparado para o Diabo e seus anjos. Porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, era migrante e não me acolhestes, estava nu e não me vestistes. Eles replicarão: Senhor, quando te vimos faminto ou sedento, migrante ou nu, enfermo ou encarcerado e não te socorremos? Ele responderá: Eu vos asseguro: o que não fizestes a um destes pequeninos, não o fizestes a mim. Estes irão para o castigo perpétuo, e os justos para a vida perpétua." (Mt 25, 31 – 46)

Ele foi para o Pai, mas deixou o Espírito Santo, para ajudar-nos a caminhar pelos mesmos caminhos que Ele trilhou, ensinando e praticando o amor incondicional a todas as suas criaturas.

⁴⁰ Cf. Rodriguez, Francisco, M., *Jesus, relato histórico de Deus: cristologia para viver e rezar*. São Paulo, Paulinas, 1997, p. 229.